

RESENHA DE “COHESION IN ENGLISH”, DE HALLIDAY & HASSAN

Valquíria Claudete Machado Borba¹

valmborba@hotmail.com

Este é um livro básico para todos os interessados em estudar coesão e coerência textuais. A partir de uma visão funcional da língua, os autores apontam a coesão como um dos recursos para a construção do texto, que apresenta uma relação semântica, não se limitando apenas ao nível da frase, sendo independente da estrutura. Explorando a literatura para exame lingüístico minucioso, Michael Halliday e Ruqaiya Hasan atuam numa linha que abrange a estilística e outros aspectos dos estudos textuais, rompendo com a barreira da frase, ou seja, mostrando que as relações além da frase envolvem uma interação complexa da lingüística com outras relações como a retórica, a estética e a pragmática. Nesta direção, fruto do trabalho conjunto desses autores, *Cohesion in English* descreve a língua inglesa e seu uso do ponto de vista da coesão de forma detalhada. Inicialmente, este livro foi concebido como parte de uma série de estudos da língua inglesa e textos modernos em inglês, que tinham como objetivo providenciar uma exposição dos estudos dos aspectos do inglês contemporâneo, sendo baseados em teoria e aplicáveis na prática, ou seja, uma descrição do sistema baseado em evidências de textos de diferentes variedades, incluindo fala e escrita. A coesão era o principal componente desses estudos. Halliday havia descrito os vários tipos de coesão nos seus artigos sobre estilística e Hasan desenvolvera o conceito de coesão na sua tese de doutorado na Universidade de Edimburgo. A partir de seus estudos, os primeiros três capítulos do livro foram publicados primeiramente como *Grammatical Cohesion in*

¹ Doutoranda em Letras – UFAL.

Spoken and Written English, Part I, por Ruqaiya Hasan no *Programme in Linguistics and English Teaching: Papers, N.º. 7, 1968*. Os três capítulos seguintes foram escritos em colaboração por Hasan e Halliday para outra publicação. Contudo, foi decidida a revisão dos primeiros capítulos e a publicação das duas partes juntas como um livro. Halliday revisou o texto integral e acrescentou os dois últimos capítulos. O livro apresenta, então, oito capítulos, sendo os seis primeiros capítulos referentes à definição de coesão e à descrição dos tipos de coesão. No sétimo capítulo, os autores retomam os vários tipos de coesão e discutem o seu sentido incorporado no conceito de texto. Concluindo a obra, os autores sugerem, no oitavo capítulo, um método de análise da coesão em textos.

De acordo com o objetivo da obra, o primeiro capítulo apresenta o conceito de **coesão**. Os autores iniciam a discussão definindo texto como uma unidade semântica, ou seja, não de forma, mas de sentido, não apresentando necessariamente a mesma integração estrutural de uma frase ou oração. O que distingue um texto de um não-texto, para os autores, é a textura, que se deriva do fato de que o texto funciona como uma unidade relativa ao seu meio, ou seja, há características presentes num texto que podem ser identificadas como contribuintes para a sua unidade total. Essas características são fornecidas pelas relações coesivas. Assim, o conceito de coesão é semântico, referindo-se às relações de sentido que existem dentro de um texto e que o define como texto. As diferentes relações coesivas identificadas foram nomeadas, por Halliday e Hasan, ligaduras (*ties*). Os diferentes tipos de ligaduras coesivas são temas dos capítulos 2, 3, 4, 5 e 6, sendo respectivamente classificadas como: referência, substituição, elipse, conjunção e coesão lexical.

Iniciando a descrição dos diferentes tipos de ligaduras (*ties*), os autores abordam no capítulo dois a **referência**, entendida como itens que para serem interpretados necessitam ser referentes a alguém ou alguma coisa, ou seja, eles não são interpretados semanticamente quando isolados. Em inglês, segundo Halliday e Hasan, há três tipos de referência: pessoal (pronomes pessoais e possessivos), demonstrativa (pronomes demonstrativos e advérbios de lugar) e comparativa (por via indireta, através de identidades ou similaridades). Esses itens são indicações de informações a serem recuperadas num nível semântico. Essa recuperação pode ser exofórica (situacional) ou endofórica (textual), sendo que esta última pode ser anafórica (quando um item de referência retoma um signo já expresso no texto) ou catafórica (quando o item de referência antecipa um signo ainda não expresso no texto). Aqui, assim como nos

demais capítulos descritivos dos diferentes tipos de ligaduras coesivas, cada tipo de ligadura é exaustivamente discutido, classificado e exemplificado.

O próximo tipo de ligadura coesiva, apresentada no capítulo três, é a **substituição**, que assume duas formas: substituição (de um item por outro) e elipse (omissão de um item). Conforme os autores, a distinção entre substituição e referência está na relação apresentada. Enquanto a referência apresenta uma relação num nível semântico, a substituição apresenta uma relação num nível léxico-gramatical. Sendo que a substituição apresenta uma relação léxico-gramatical, os tipos de substituição são definidos gramaticalmente em: nominais, verbais e oracionais.

Já a **elipse** é tratada no capítulo quatro. Esta divisão entre o capítulo três e quatro não é uma divisão natural, pois, conforme os próprios autores salientam, a substituição e a elipse são procedimentos muito parecidos. Contudo, Halliday e Hasan acreditam que esta divisão é apropriada devido ao fato dessas ligaduras apresentarem mecanismos estruturais diferentes. A separação entre referência, substituição e elipse é um ponto que gera discussões e questionamentos, como mostra a seguinte reflexão de Fávero (1991, p. 15) sobre a classificação apresentada por Halliday e Hasan:

A separação entre referência, substituição e elipse não resiste a uma análise mais acurada, pois a substituição também é uma forma de referência e, se a elipse é, como eles mesmos o dizem, uma substituição por zero (\emptyset), porque considerá-la um tipo à parte?

Mas uma leitura minuciosa da exposição dos autores e de seus argumentos para tal divisão não deixa dúvidas de que, mesmo sendo muito parecidos os procedimentos, há mecanismos estruturais que os diferem, embora a linha demarcatória entre eles seja tênue e, algumas vezes até, eles se imbriquem. Encontraremos, então, neste capítulo as descrições dos tipos de elipses, que são, também, de elementos nominais, verbais e oracionais.

O capítulo cinco trata da **conjunção**. Segundo Halliday e Hasan, a conjunção difere das outras relações coesivas na sua natureza. Os elementos conjuntivos não são coesivos em si, mas indiretamente, em virtude dos seus conceitos específicos. Eles não são recursos essencialmente relacionados a dados anteriores ou posteriores no texto, mas o que eles expressam pressupõe a presença de outros componentes no discurso. A conjunção não é definível em termos exatos. Ela apresenta um tipo de relação semântica diferente, especificando que o que seguirá está sistematicamente conectado ao que veio

antes. As relações conjuntivas não estão diretamente ligadas a uma seqüência particular da expressão. Se duas frases são coerentes num texto em virtude de alguma forma de conjunção, isso não significa que a relação entre elas só seria possível se elas ocorressem naquela ordem específica. Contudo, ao considerar essas frases do ponto de vista da coesão, a expressão da seqüência é importante, pois a coesão é a relação entre as frases de um texto, e elas só podem seguir uma após a outra. Assim, ao descrever a conjunção como um recurso coesivo, a atenção não está somente nas relações semânticas, mas em um aspecto em especial delas, na função que elas apresentam de relacionar elementos lingüísticos que ocorrem em sucessão, mas não estão relacionados por outros meios estruturais. As relações conjuntivas são textuais, sendo representações dos tipos generalizados de conexões que reconhecemos como elos entre as frases, parágrafos, idéias presentes no texto. E o que essas conexões são depende dos significados expressos pelas sentenças, podendo ser experienciais, representados pela interpretação lingüística da experiência, e interpessoais, representados pela participação no discurso. Os autores abordam as conjunções ao longo do capítulo conforme as classificam: aditivas, adversativas, causais e temporais.

Após apresentar os vários tipos de coesão gramatical: referência, substituição, elipse e conjunção, completando o quadro das relações coesivas, o capítulo seis é dedicado à **coesão lexical**. Segundo Halliday e Hasan, a coesão lexical é o efeito coesivo alcançado pela seleção do vocabulário, sendo obtida pela **reiteração** de itens lexicais idênticos ou que possuem o mesmo referente. Os autores incluem aqui o uso de nomes genéricos que apresentam uma função coesiva limítrofe entre a coesão lexical e a coesão gramatical, ou seja, nomes gerais que estão por natureza no limite entre um item lexical (membro de um conjunto aberto) e um item gramatical (membro de um sistema fechado). Assim, nomes como, por exemplo, *a gente, o homem, a coisa, o lugar* (determinante + nome geral) funcionam como itens de referência anafórica e, ao mesmo tempo, lexicalmente, são membros superordenados (hiperônimos) agindo como sinônimos dos itens a eles subordinados (hipônimos). O outro tipo de coesão lexical apontada é a **colocação**, que se dá através da associação de itens lexicais que ocorrem regularmente.

Finalizando o livro, após extensa e exaustiva classificação e descrição dos tipos de relações (ligaduras) coesivas do inglês contemporâneo, no capítulo sete, os autores retomam o objetivo do livro e fazem um resumo de todas as ligaduras coesivas. Na seqüência, sugerem, então, no capítulo oito, análises dessas relações em textos.

Cohesion in English, apresenta, assim, um estudo em profundidade das relações coesivas que merece uma leitura atenta quando se está tratando de coesão e coerência textuais.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática, 1991.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, Ruqaiya. *Cohesion in English*. New York: Longman, 1976.